

A catástrofe das enchentes do Rio Grande do Sul - primeiras considerações etnográficas¹

Rodrigo Weber da Fontoura²

Resumo

Este artigo examina, de forma crítica e socioantropológica, os impactos das enchentes que atingiram o estado do Rio Grande do Sul em 2024, evidenciando a interdependência entre os humanos e suas paisagens. A investigação adota uma abordagem etnográfica e se baseia em registros de campo, diários pessoais, dados governamentais e materiais acadêmicos para delinear os desdobramentos e as conexões sociais da catástrofe. Analisam-se também debates teóricos sobre risco e resiliência, relevantes para compreender os efeitos contínuos do desastre e refletir sobre possíveis respostas políticas e sociais a eventos extremos. Como resultado, este trabalho propõe direções para o desenvolvimento de uma pesquisa aprofundada sobre as resiliências e adaptações de coletividades impactadas por fenômenos climáticos, contribuindo para a formulação de uma antropologia crítica voltada para paisagens devastadas e complexas relações entre humanos e "mais-que-humanos".

Palavras-Chave: Antropoceno; Crise Climática; Enchente; Resiliência; Rio Grande do Sul.

1. Introdução

Este ensaio articula vivências e reflexões teóricas da tragédia que assolou o estado do Rio Grande do Sul em 2024, onde chuvas intensas desencadearam uma catástrofe climática de proporções inéditas. A partir de uma perspectiva socioantropológica, pretende-se examinar os desdobramentos e interconexões dessas enchentes à luz dos debates sobre risco e resiliência, que cada vez mais constituem uma arena interdisciplinar relevante para a compreensão das respostas políticas e sociais diante de catástrofes ambientais (TADDEI, 2014; EITEL, 2023). Utilizando materiais diversos – registros pessoais em diários de campo, dados

¹ Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - que, pelo seu Programa de Excelência Acadêmica - PROEX -, financiou integralmente esta pesquisa, bem como o presente artigo. Também agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina - PPGAS/UFSC -, ao Dr. Caetano Kayuna Sordi Barbará Dias, e ao Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas - CANOA/PPGAS/UFSC -, pelo incondicional acolhimento e paciência para ensinar.

² Mestrando em Antropologia Social; Bolsista PROEX/CAPES; Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina - PPGAS/UFSC; Florianópolis, Santa Catarina, Brasil; rodrigoweberdafontoura@gmail.com.

governamentais, matérias jornalísticas e produções acadêmicas –, esta pesquisa é guiada por uma abordagem etnográfica que busca ilustrar as interdependências entre humanos e paisagens em momentos de crise, revelando os efeitos desiguais dos desastres climáticos e a resiliência em contextos de vulnerabilidade socioambiental.

O presente estudo é um esforço para contribuir aos debates epistemológicos sobre emergência climática e transformação histórica na relação entre cultura e natureza. Inspirando-se no conceito de "saber ambiental" de Enrique Leff, que defende a construção de uma ciência baseada em uma matriz de conhecimentos transversais, este ensaio busca não apenas documentar uma crise ambiental, mas também problematizar as dinâmicas de impacto e resposta nos territórios afetados. A análise proposta reflete sobre como diferentes instâncias convergem para os desafios impostos pela crise climática, indicando a promoção do diálogo interdisciplinar como essencial para o campo socioambiental.

O cenário abordado compreende a região metropolitana de Porto Alegre, onde a devastação causada pelas enchentes criou um complexo quadro de experiências e demandas heterogêneas. Ao trazer as experiências e reflexões sobre a catástrofe, visa fornecer uma base teórica e etnográfica que subsidie futuras análises e discussões no contexto das transformações ambientais e sociais.

2. Contextualização no olho do furacão

A chuva fez surgir tantas circunstâncias, que considero difícil expressar todas as suas distintas formas. Algumas que surgem de pronto e destaco aqui: o interessante fenômeno simbólico do cavaloilhado no telhado de uma casa em Canoas; a sumária normalização do requerimento de barcos para grupos civis de resgate de pessoas desaparecidas; o fim total da mobilidade urbana; os incessantes helicópteros sobre nossas cabeças; um cordão humanitário construído no caminho que tantas vezes passei; mortos e feridos; casas submersas; bairros tomados por montanhas de entulhos; milhares de abrigos para dezenas de milhares de desabrigados humanos e não-humanos; cidades sumindo do mapa; cidades temporárias

nascendo; doenças associadas às condições de enchentes; memórias inundadas, transformadas, retomadas; outras reveladas, como os fósseis quase completos de um dinossauro que viveu a cerca de duzentos e trinta milhões de anos, analisados pela UFSM³; ou o sítio arqueológico indígena de dez mil anos que estava debaixo de uma plantação de arroz no município de Dona Francisca⁴. Esta lista não teria fim e mesmo assim não daria conta de descrever todos os elementos que se impuseram sobre o Rio Grande do Sul a partir daquele momento.

A ideia de uma “abundância a ser evitada”, assinalada por Beck (2011) acerca do que se referem as catástrofes nas sociedades do risco, constitui uma literalidade neste caso, no momento em que as proporções de água tornam-se diluviais e desencadeiam demandas emergentes que vão se multiplicando num cenário de implicações cada vez mais abundantemente intrincadas. Exemplo disso, como buscarei tratar adiante, está no modo como as paisagens urbanas foram diferentemente afetadas e ocupadas pelos distintos sujeitos afetados nas enchentes, caracterizando uma socialização desigual dos danos causados (BECK, 2011), que pode ser expressa nas diferentes vivências relatadas e observadas.

Constrangido por estas circunstâncias, me senti compelido em me concentrar num trabalho antropológico sobre a catástrofe do Rio Grande do Sul. Meu primeiro contato com os efeitos da enchente foi no dia 26 de abril, véspera da data que ficou oficialmente definida como início do episódio histórico. Conforme registro escrito, naquela noite eu retornei de Florianópolis - lugar onde estudo - para Porto Alegre - próximo da cidade onde moro - após uma semana de aulas na UFSC, chegando por volta das 23:30 na capital gaúcha. Vindo de uma viagem intensamente chuvosa, não tinha ideia que passaria a frequentar as aulas daquele semestre de maneira remota a partir daquele instante, justamente por conta da suspensão das atividades da rodoviária de Porto Alegre, em vista do seu alagamento total.

3 Informações disponíveis em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/07/16/chuva-no-rs-revela-fossil-quase-completo-de-dinossauro-de-mais-de-200-milhoes-de-anos.ghtml> - Acesso em: 29 de outubro de 2024.

4 Informações disponíveis em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/07/24/chuvas-no-rs-revelam-sitio-arqueologico-ocupado-ha-cerca-de-dez-mil-anos-veja-fotos.ghtml> - Acesso em: 29 de outubro de 2024.

Situada às margens do Guaíba, a rodoviária suspendeu completamente suas atividades no dia 4 de maio de 2024, no qual a marca histórica superior a cinco metros foi ultrapassada. O retorno das viagens interestaduais só voltou a ocorrer quarenta e um dias depois.

Logo que os dias se passaram, os efeitos das enchentes começaram a crescer vertiginosamente, afetando milhares de pessoas, entre elas muitas conhecidas minhas - amigos e parentes -, sobretudo na cidade de Porto Alegre e região metropolitana. Embora este evento climático de grandes proporções tenha atingido de maneira diferente distintos espaços do estado, em decorrência das características da paisagem, da configuração hidrográfica dos locais, dos assentamentos humanos, é importante salientar que minha experiência direta se dá preponderantemente na mencionada região metropolitana. Foi este o campo em que pude me inserir mais diretamente e realizar observações *in loco* de diversos lugares e momentos, integrar organizações, assim como conversar com distintos interlocutores - pessoas atingidas direta e indiretamente pelas águas; envolvidas no cuidado às vítimas; organizadoras de abrigos; responsáveis por doações; etc - que passaram por estas experiências e disseram sobre o momento em que viviam.

Como inicialmente minha residência não foi atingida pela chuva, passei a integrar diversos movimentos de auxílio às vítimas das enchentes. Naquela ocasião, refletia sobre a ideia de resiliência em sua forma mais básica, ou seja, a capacidade de recuperarmos a estabilidade frente uma crise iminente (EITEL, 2023). A crise que se impôs em maio no sul do Brasil impossibilitou que tratássemos de qualquer outra coisa que não fosse a estabilização daquilo que estávamos vivendo, representada pela cessação da chuva e da subida das águas.

As águas turvas que submergiram parte das regiões das cidades atingidas implicaram na formação de abrigos de emergência, inicialmente concentrados próximos aos locais diretamente afetados. Este cenário será o primeiro apresentado na análise da experiência da catástrofe.

3. Os abrigos, as moradias e a casa do litoral

Estima-se que entre os dias 4 e 5 de maio de 2024 a água tenha ocupado o equivalente a onze mil campos de futebol de espaço urbano do município de Canoas⁵. Essa referência equivale a dois terços da região total dela, que é a terceira cidade mais populosa do estado, segundo o *Atlas Socioeconômico* da Secretaria de Planejamento, Gestão e Governança do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Dez dias depois, seria constatado que cerca de 60% das pessoas desabrigadas em decorrência da catástrofe seriam provenientes deste município.

No mesmo período, São Leopoldo precisou lidar com cerca de 180 mil pessoas desalojadas, que correspondem a mais do que 80% da população total da cidade. O aglomerado humano que representa a região acima descrita somou, entre Canoas e São Leopoldo, mais de 35 mil pessoas em abrigos no dia 14 de maio, num universo total de pouco mais de 79 mil pessoas nesta situação no estado todo.⁶

Por estas circunstâncias, alguns dos maiores abrigos formados naquele momento se constituíram nas referidas cidades. Os campi da Ulbra de Canoas e da Unisinos de São Leopoldo, abrigaram respectivamente, 7,8 mil e 2 mil pessoas no período total de funcionamento. Além disso, ambos contaram com abrigos específicos para animais, que também se somaram aos milhares e geraram importante repercussão no desenrolar dos eventos analisados.

A partir do dia 7 de maio passei a frequentar esses abrigos alternadamente, participando diariamente de diversas de suas atividades, e tendo a oportunidade de me encontrar com pessoas que viveram neste cenário de crise generalizada. De maneira mais profunda, a ideia de crise está vinculada ao valor histórico de seu acontecimento e do seu

5 Segundo informações da GaúchaZH, disponíveis em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2024/05/enchente-devasta-dois-tercos-de-canoas-e-deixa-mais-de-15-mil-desabrigados-clvu0oh08003s011wgr2i5d2y.html> - Acesso em: 29 de outubro de 2024.

6 Segundo informações disponíveis nos relatórios do Monitoramento de Abrigos do governo do Estado do Rio Grande do Sul, disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiNTZhYTZmMGMtZDhkNy00OTEyLTkzNmEtYjU1NWlyMTZmNTVjIiwidCI6IjE1ZGNkOTA5LThkYzAtNDBIOS1hMWU1LWNIY2IwNTNjZGQxYSJ9> - Acesso em: 29 de outubro de 2024.

prolongamento no curso de uma comunidade, carregando consigo uma capacidade revelatória que requer transformação (ZHOURI, 2023). Portanto, o entendimento da enchente enquanto crise se apóia na constatação de que causou impacto significativo, individual e coletivamente, nas comunidades atingidas, e ensejou a necessidade de mudanças nos modos de vida ali dispostos.

Apesar de naquele momento eu estar muito mais interessado em auxiliar as vítimas das enchentes do que em realizar uma imersão etnográfica, cerca de vinte dias depois do começo de meu envolvimento nos abrigos passei a desenvolver os referidos *escritos de memória*. Esta modalidade de registro é uma tentativa de elaboração de dados etnográficos a partir da produção escrita das memórias das vivências deste período de vinte dias.

Desde então, todas as aproximações passaram a ser registradas em *diários de campo* regularmente produzidos, dos quais alguns correspondem ao período em que estive nos abrigos. Como o intuito é evitar qualquer tipo de constrangimento ético em relação às pessoas envolvidas nos encontros comigo, pretendo elaborar a análise levando em conta aspectos mais gerais e caracterizando os depoimentos de modo que eles não sejam capazes de revelar os interlocutores.

As características comuns dos abrigos é que eles se configuram como áreas amplas. Literalmente são quadras poliesportivas e galpões, estão constantemente barulhentos e cheios de pessoas. Com pé direito alto e telhados ressoantes, a arquitetura contribui para zunir nos ouvidos a chuva que seguiu por vários dias. Afetando os ânimos coletivos conforme aumentava em sua intensidade, o som da chuva no telhado dos abrigos foi descrito como ansiogênico por despertar sentimento de medo da inundação e por trazer lembranças dos momentos em que as pessoas tiveram que lidar com as águas da enchente para sobreviver.

Contando com divisões internas próprias, as zonas das quadras acomodavam os colchões e itens salvos pelas pessoas ao deixarem suas residências - como roupas, documentos, fotos e pequenos objetos de valor pessoal. A fim de manter delineadas certas fronteiras, que mais tarde foram se complicando e reverberando conflitos, as organizações dos

abrigos faziam divisões internas para agrupar familiares próximos. Não eram feitas apenas junções espaciais por residência, mas formações de parentescos usualmente distantes que se encontravam acolhidos no mesmo abrigo.

Por um lado, certas concepções indicam que as descrições feitas são demonstrações de resiliência, por expressarem processos de adaptabilidade da organização urbana frente a uma perturbação na organização normal da cidade. Até mesmo o esforço para a reinvenção das fronteiras, como se representassem os círculos familiares, pode indicar uma rápida resposta à crise para estabilização das transformações causadas. Sobretudo pela via epistemológica dos sistemas complexos, as cidades tiveram a capacidade de amortizar as perturbações externas impostas pela invasão da água em seus territórios, constituindo arranjos institucionais versáteis o suficiente para admitir fluxos de concentrações urbanas - humanas e não-humanas - sem o desalento total das populações atingidas (ESTEVIÃO, et. al., 2017; EITEL, 2023).

Por outro lado, numa perspectiva crítica da resiliência defendida por Gutterres (2020) a noção de precariedade ganha destaque em sua dimensão coletiva, distanciando o termo de uma mera adaptação apolítica de massas e fluxos urbanos ou externos. Ao situarmos de maneira mais detalhada as experiências nos abrigos, e mesmo nos aproximando de outras situações semelhantes de pessoas que precisaram sair de suas residências devido aos riscos impostos pela enchente, é possível verificar disparidades implícitas em tensionamentos sociais distintos.

Enquanto a chegada das pessoas vindas dos resgates para os abrigos muitas vezes apresentava uma pluralidade social e racial - principalmente em São Leopoldo, onde alguns bairros nobres, como o centro, foram atingidos -, o prolongamento da estadia indicava elementos de diferenciação importantes. Pessoas majoritariamente brancas e de bairros centrais permaneciam um ou dois dias nos abrigos - ou seja, logo após serem resgatadas ou até o dia seguinte -, mas aquelas vindas das periferias das cidades seguiram por lá indefinidamente. Esta população que permaneceu é, evidentemente, em sua maioria preta e não-branca, mesmo na capital da colonização alemã.

Do que pude acompanhar, a maior parte das saídas dos abrigos ocorriam em razão de outros familiares ou conhecidos não afetados pela enchente disponibilizarem suas próprias residências como abrigo, ou pelo fato de as pessoas abrigadas possuírem outras residências em locais seguros. Além do mais, os bairros centrais tiveram o recuo da água antes das periferias, tanto pelo privilégio territorial da paisagem, quanto pelas disputas tecnológicas com os bairros menos privilegiados. Tais disputas estão expostas por impasses como o do dique que protege o centro de São Leopoldo em detrimento dos alagamentos na Campina, bairro periférico historicamente marcado por isso (DOS SANTOS, 2021); ou acerca das bombas de drenagem adquiridas pela prefeitura de Canoas por razão das enchentes, que priorizaram a retirada da água nas regiões mais nobres do município.

No panorama dessas constatações, precisamos considerar os inúmeros entrecruzamentos que compõem as precariedades que são vividas diferenciadamente e os agenciamentos dos distintos mecanismos de precarização coletiva. O que implica em multiplicidades de modos de enfrentamento e de luta, na medida em que se configuram diferentes cenários desiguais entre si, que explicitam estruturas sociais mais amplas imbricadas (BUTLER, 2018; GUTTERRES, 2020)⁷.

Num dos diários de campo, a título exemplificativo, registrei um diálogo com um interlocutor que integra as camadas mais abastadas da cidade em questão. Homem branco cisgênero, sofreu momentos de tensão para efetivar o resgate de um parente seu numa das zonas mais caras da capital gaúcha. Após resgatá-lo, me disse aliviado que finalmente poderia seguir as indicações feitas pelo prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo, e se deslocar para “a casa do litoral” até que as coisas “voltassem ao normal”⁸.

7 Embora não haja espaço suficiente no ensaio para ampliar o argumento, quero pontuar a questão do *corpo* como elemento central nos processos de precarização, como sinalizado por Gutterres e Butler.

8 Informações disponíveis em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADtica/melo-aconselha-popula%C3%A7%C3%A3o-de-porto-alegre-a-viajar-para-o-litoral-1.1491615> - Acesso em: 29 de outubro de 2024.

No final das contas, muitas realidades se instituíram no cenário dos abrigos naquele momento. Alguns estavam ali de passagem em um período de crise pontual, já outros seguiram caminhos bem distintos, permanecendo nos abrigos por um tempo muito maior. A temporalidade, aliás, está intimamente ligada à noção de crise, tendo em vista a importância do prolongamento das transformações nas vidas afetadas (ZHOURI, 2023).

Atravessadas estruturalmente pelas precarizações, pessoas pertencentes a grupos minoritários e marginalizados estavam muito suscetíveis às transformações duradouras, socializando as ameaças políticas, sociais e econômicas assimetricamente (GUTTERRES, 2020; BUTLER, 2018; BECK, 2011). Como contraste, cito o caso de alguns dos meus interlocutores que, sem a possibilidade de recuperarem suas moradias e sem recursos financeiros para restabelecerem suas condições anteriores, participaram de ocupações aos prédios abandonados da região central de Porto Alegre, sofrendo posteriormente violência policial por sua forma inadequada de serem resilientes aos olhos do Estado⁹.

Estas são apenas algumas das reflexões que surgem a partir das experiências diretas nos abrigos, que serviram como local de registro inicial. Muitos elementos ficaram de fora e outros devem ser melhor explorados analítico e teoricamente. Porém, para progredir no debate seguirei através de minha aproximação com outros campos de inserção que circunscrevem a catástrofe da enchente. Mesmo que rapidamente, explorarei mais alguns modos de descrever as paisagens e suas tensões, outras camadas de análise, por assim dizer, dos territórios em disputa.

4. Tecnologia Mbyá Guarani, “Permeabilidades Urbanas” e novos dizeres na disputa de território - deltas, Mato do Júlio, e outras sentinelas

9 Me refiro aos movimentos de ocupação por moradia que ocorreram na capital gaúcha e dos quais alguns de meus interlocutores participaram. Esse movimento se enovela a uma série de outros elementos importantes, como a especulação imobiliária, as tensões por moradia e as disputas político-institucionais pregressas, que complicaram ainda mais, desde as enchentes. Alguns detalhes em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-06/ocupacoes-de-predios-abandonados-ganham-forca-em-porto-alegre> - Acesso em: 29 de outubro de 2024.

Que os efeitos das mudanças climáticas extremas são influenciados pelas ações humanas já é consenso entre a comunidade científica global desde meados dos anos 90. Daí em diante, o conceito de Antropoceno como nova era geológica terrestre vem ganhando força. Ou seja, pensar um momento de virada planetária causada pelas consequências imprevistas ou ignoradas da humanidade às custas de uma perspectiva civilizacional que aliou colonialismo, capitalismo e desenvolvimentismo como pilares fundamentais. Entretanto, é arriscado pensar saídas que desconsiderem as interdependências multiespécies, as desigualdades sociais e a humanidade em sentidos mais amplos do que aquele estritamente capitalista e ocidental, sobretudo se endossarmos horizontes salvíficos inebriados pelos jogos de força hegemônicos (CHAKRABARTY, 2013; TADDEI, 2014; CARDOSO, et. al., 2021).

Nas disputas territoriais pelas paisagens, algumas áreas se tornam emblemáticas por suas condições fronteiriças que suscitam interações interespécies revelatórias. São verdadeiras indicações sobre a sensibilidade do relevo frente às ações humanas e dos efeitos mútuos de nossas interações. Florestas, deltas e rios são exemplos dessas paisagens sentinelas, bem como as floras, faunas e fluxos que por eles transitam. Suas transformações podem ser interpretadas como sinais de alerta que denunciam cadeias complexas (MENDES, 2020; MORITA, SUZUKI, 2019).

Todos esses elementos são de interesse da interdisciplinaridade, ao passo que evidenciam recursos significativos, como os próprios modos de representar e interpretar estas sentinelas por parte das comunidades, os jogos de força que se implicam sobre essas áreas, seus modos de exploração e assim por diante. Durante o período de incursão etnográfica pude percorrer por algumas dessas áreas de interesse e perceber como elas impactaram as populações urbanas. Seus efeitos tiveram influência desde a mitigação dos impactos da enchente em zonas densamente povoadas através da permeabilidade do solo, até o uso de novos termos nas disputas político-eleitorais dos municípios.

Um dos lugares em questão é o denominado Mato do Júlio. Localizado no município de Cachoeirinha, ocupa uma área de 256 hectares de mata atlântica, sendo a última floresta

nativa da Grande Porto Alegre e possuindo em seu interior a construção mais antiga da cidade, uma edificação construída em 1814, a Casa Baptista, tombada como patrimônio histórico do município. Além de ser rico em flora e fauna silvestre, servindo de abrigo para espécies ameaçadas, é cortado pelo rio Gravataí, prestando serviços ecológicos importantes para todo o ecossistema circundante.

Até meados de 2022 a região estava visada pelos mecanismos político-institucionais da prefeitura e pelas empreiteiras de grandes construções, pela sua localização privilegiada, próxima às principais rodovias locais. Até mesmo o Plano Diretor da cidade foi alterado em 2021 e licenciamentos ambientais foram implementados para autorização de construção civil.

Zhouri (2023) alerta para a falta de transparência e de participação democrática nos ritos de exploração fundiária, bem como para a ineficácia das compensações ambientais e de retribuição às comunidades, comumente previstas nesses processos. Foi o caso da população cachoeirinhense, que instituiu uma disputa contra a prefeitura e as empreiteiras, denunciando a falta de espaços de diálogo nas deliberações e promoveu manifestações em defesa do Mato do Júlio.

A capacidade de evitar enchentes severas no entorno da região disputada se destaca como um dos argumentos primordiais de sua preservação, o que por si só já é muito interessante do ponto de vista socioantropológico. Paralelamente, entidades de proteção ambiental capitanearam dados para fortalecer a relevância ecológica estratégica do local, registrando e catalogando animais e vegetações como maneira de contrapor os arranjos que caminhavam para a expansão da fronteira urbana sobre o Mato do Júlio.

Até que no último trimestre de 2021 ocorre um processo de retomada de território por parte de famílias originárias Mbyá Guarani, o que passa a complicar ainda mais o cenário, na medida em que coloca mais atores na disputa territorial. Desde então a retomada segue instalada próxima a Casa Baptista, sob o título de aldeia *Karanda'ty*.

Mas se o panorama era este até abril de 2024, após as enchentes é possível perceber um giro importante nos termos expostos pelos atores de então. Primeiro que os Mbyá Guarani Tekoa Karanda'ty foram muito precisos e quase premonitórios em suas falas quando interrogados sobre a retomada do mato. Conforme dito:

[A] retomada expressa, mais do que ocupação territorial, ela é uma ação guiada [...] e tem a finalidade de resguardar, proteger e manter os seres num ambiente de harmonia, diante de tanta exploração e devastação. Para os Mbyá todos os seres são espirituais, precisam ser respeitados e cultivados numa relação integral, das pessoas com o ambiente.¹⁰

A preservação do Mato do Júlio garantiu a retenção de cerca de 35% da água que alagou a cidade, amenizando consideravelmente os impactos da enchente na região. Cerca de dez mil residências teriam se somado àquelas já atingidas na catástrofe, caso o Mato do Júlio fosse pavimentado e urbanizado, conforme aponta Da Costa (2024). O autor ainda indica que os principais serviços de abastecimento teriam sido ainda mais severamente atingidos, não fosse a retenção fluvial gerada pela floresta urbana no período.

Mas este utilitarismo antropocêntrico é posto à prova frente ao que Rival (2009) denomina como resiliência da inteligência indígena. Afinal, os Mbyá Guarani precisaram ser resilientes em relação aos brancos, no sentido de suportarem suas precariedades impostas, para usar os termos de Butler (2018), e conseguir resistir numa empreitada de retomada. Porém, outras camadas de resiliência emergem no momento em que salvaguardam todo um ecossistema complexo das explorações e devastações, propostas pelo próprio progresso. Garantem, assim, a resiliência do rio, dos animais e da floresta sobre a empreitada humana, tornando a própria retomada Mbyá Guarani um mecanismo de amortização para os não-humanos. Paradoxalmente, se estabelecem como parte da resiliência da cidade, a despeito dela própria, pois complicam os avanços das fronteiras urbanas ao integrarem como força que disputa o território e desacelera o progresso, mas também a água da enchente.

10 Conforme indicado pela imprensa local na data de retomada, disponível em: <https://www.oreporter.net/indios-ocupam-area-do-mato-do-julio-considerada-terra-ancestral/> - Acesso em: 29 de outubro de 2024.

“Os holandeses” - como expressou Sebastião Melo em suas últimas aparições públicas e debates eleitorais, quando se referia aos especialistas europeus contratados para o novo planejamento antienchente - representam o que há de avançado nas cidades resilientes às mudanças climáticas, ao incorporar recursos às paisagens urbanas que carregam o nome de “cidades esponja”. Até mesmo as esferas políticas situadas à esquerda têm utilizado dessa narrativa para sustentar suas propostas, como constatei em diário de campo sobre evento promovido por partidos de esquerda acerca do assunto.

Portanto, é preciso problematizar os modos que a hierarquização de saberes se implica, ao constatar que as populações ameríndias da região antecipam tais caminhos de forma muito mais orgânica e integrada. Há uma espécie de miopia aí, que evoca agentes externos enquanto, contraditoriamente, disputa a estrutura institucional com inteligências e tecnologias - e vivências - ancestrais. Num só tempo, estas indicam possibilidades para pensarmos futuros outros, ensinam como aprender a aprender com os ambientes vivos, e propõem outros pressupostos ontológicos sobre como habitar e conviver em multiespécies nas paisagens sentinelas (RIVAL, 2009; MENDES, 2020).

Ainda que eu não tenha conseguido alcançar os cenários trágicos e fundamentais do Delta do Jacuí, das regiões das Ilhas de Porto Alegre e tratar sobre o arquipélago em consonância com as abordagens adotadas até aqui, destaco esta menção, que me parece associadamente paradigmática. As imagens aéreas chocam e revelam outra face dos deltas, que retoma a temática das moradias, agora também vinculadas às noções de ocupação em áreas de risco. Até o momento não realizei registros presenciais na região, tampouco tive contato com atores locais, mas reconheço a significância de empreendimento em investigações futuras.

5. Diálogos de Símbolos - alertas de Emergência Climática

Conforme nos encaminhamos para a finalização do trabalho, pondero os elementos, assuntos e descrições que ficaram excluídos ou foram narrados de maneira muito superficial.

Em suas considerações sobre o método etnográfico, Malinowski (1978) já torna evidente este dilema que atravessa a feitura da escrita etnográfica. Os engendramentos teóricos e as descrições experienciais também não são de fácil aglutinação, mas auxiliam nas ponderações sobre as vivências etnográficas e os registros elencados, ao mesmo tempo em que movimentam as percepções do campo teórico-prático até aqui desenvolvido.

Mas antes que cheguemos às conclusões, gostaria de apontar sucintamente alguns elementos simbólicos e imagéticos que passaram a ocupar preponderância estética e representacional desde as experiências da enchente do Rio Grande do Sul. Recorro à Zhouri (2023) para destacar quando a autora menciona sobre as sirenes que se instalam nas regiões de risco de barragens no Brasil. Segundo a autora, se por um lado esta estratégia delega aos sujeitos a responsabilidade total pelo autossalvamento, ironicamente o recurso sonoro sequer funciona em muitos dos momentos em que mais é necessário.

Ao mesmo tempo, me inspiro na perspicácia de Rival (2009), que torce o conceito de resiliência para abarcar a inteligência indígena. Pretendo fazer o mesmo com alguns dos elementos simbólicos em jogo no desenrolar dos fatos que acompanhei acerca da catástrofe climática do Rio Grande do Sul

Recentemente estive em um evento sobre a reconstrução do estado, organizado por movimentos sociais e por parlamentares. Quando a educação para as mudanças climáticas entrou em pauta, as propostas tiveram como foco o “modelo educacional do Japão”, que “ensina desde criança” como sobreviver aos furacões, aos tsunamis e todo tipo de infortúnio climático que possa se impor. Ao mesmo tempo, reforçava-se uma “educação social” no sentido de prestar informações à população sobre como agir após os alertas telefônicos enviados por instituições governamentais alertando sobre riscos de desastres na região - aliás, o mau funcionamento dessa tecnologia de alerta individualizado é um dos pontos que sempre retorna nos debates eleitorais contra o atual prefeito da capital gaúcha. Mas é curioso que os atores supostamente mais críticos e reflexivos no cenário em questão, sigam trajetórias

semelhantes aos das barragens de Minas Gerais, quais sejam: sinais sonoros e autossalvamento (ZHOURI, 2023).

Numa perspectiva a contrapelo, situo outros elementos simbólicos - pois compreendo que os pontos acima descritos se caracterizam por toda a semiótica e contingência social circunscrita -, que podem ser interpretados como sinais de alerta, se considerarmos os enunciados de Rival (2009), agora não das paisagens, mas do *simbolizar humano*. Uma primeira “sirene” que sobreviventes da enchente produziram e espalharam pelo mundo é o adesivo “ÁGUA ATÉ AQUI”. De maneira simples, o adesivo serve de alerta, indicando em que altura ficaria o nível da água em diferentes paisagens do mundo, tendo como base as alturas que as águas chegaram na enchente do Rio Grande do Sul. Ao dilatar o sentido de *alerta*, este símbolo não se restringe às comunidades em risco regional, mas revela um perigo que atravessa todos os humanos enquanto espécie e o planeta como um todo.

Igualmente, preciso retomar a imagem do cavalo equilibrado sobre o telhado da casa de Canoas. É evidente a comoção e mobilização que se deu a partir da cena registrada e reproduzida no mundo todo. Não se tratava apenas de um afeto para com o animal. A partir de algum momento aquele equino passou a simbolizar o próprio estado do Rio Grande do Sul, tendo em conta que muitas situações catastróficas ainda estavam em curso ou recentemente resolvidas. Uma obra artística com a representação do momento chegou a ser vendida por alguns milhares de reais para angariar fundos às vítimas, o que reforça as muitas camadas aí presentes.

Mais que isso, trata-se também de uma renovação simbólica da própria crise climática, que traz consigo uma série de representações marcadamente referenciais. Observei repetidamente, nos eventos que seguiram a situação do cavalo, a comparação da imagem com aquela historicamente famosa do urso polar em cima do gelo à deriva. Esta equiparação, que ocorreu em locais e com pessoas distintas, desvela os diálogos e transformações simbólicas que estão em jogo nas formas de representar e compreender a crise climática e as catástrofes do antropoceno. Consequentemente, também no nível da *linguagem* as tensões se manifestam,

com diferentes forças e consistências, afastadas de qualquer resolução consensual (GEERTZ, 1997). As imagens soam o alerta vindo das sentinelas e paisagens devastadas, para suscitar mudanças nas formas de habitar a terra - sabe-se lá em quantos sentidos (RIVAL, 2009; ZHOURI, 2023).

6. Conclusões

Ao final desta investigação, muitos questionamentos foram levantados e associados às diversas abordagens interdisciplinares sobre a crise climática, reforçando a complexidade dos desafios etnográficos que surgem nesses contextos de catástrofe. Embora alguns elementos tenham sido deixados de lado, a análise permitiu consolidar e ampliar o entendimento dos dados coletados, contribuindo para a formulação de uma etnografia socioambientalmente engajada que visa problematizar elementos transversais.

Nesse panorama, os eixos abordados, centrados nos modos de ocupar, nas práticas simbólicas e nas reconfigurações culturais frente a desastres, revelaram-se indispensáveis para a compreensão das paisagens como territórios em constante disputa e ressignificação. Ao mesmo tempo, não se pode desvincular a própria paisagem e sua história das formas como os eventos climáticos se inscrevem na sociedade.

A interconexão desses aspectos reafirma a relevância de saberes que articulem disciplinas como História, Política, Antropologia, Meio Ambiental e também levem em consideração as perspectivas culturais locais. Essa matriz interdisciplinar permite que conceitos, experiências e práticas de diferentes origens dialoguem, promovendo a construção de um campo socioambiental que responda de maneira crítica aos desafios climáticos e cenários de catástrofes.

Ao explorar essas dinâmicas, percebem-se as múltiplas camadas de significação que compõem as paisagens e as diversidades ontológicas emergentes dos contextos locais.

Evidencia-se a importância de espaços de diálogo e pesquisas que promovam não apenas uma compreensão teórica, mas também a criação de práticas e saberes que atendam às demandas contemporâneas através da convivência entre os múltiplos atores - humanos e mais-que-humanos - que compõem interdependentemente as paisagens. Essa orientação sugere a continuidade dos estudos e destaca a necessidade de construir novos horizontes epistemológicos para enfrentar as crises ambientais globais que se desenrolam heterogeneamente.

A conclusão, portanto, é que a continuidade dessas investigações é não apenas pertinente, mas essencial para compreender e transformar as relações socioambientais no contexto de emergência climática, de forma a fomentar relações tanto com a academia quanto com a sociedade civil na busca por práticas mais resilientes e coletivas frente a tais desafios.

Referências

BECK, U. *Sociedade de Risco: rumo a outra modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras. 2011. 383 p.

BUTLER, J. 2018. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2018. 266 p.

CARDOSO, T. (org.). Vidas precárias em águas turvas: antropologia colaborativa nas ruínas do Antropoceno. *Ilha*, v. 23(1): 2021. p. 97-126. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2021.e75156>. Acesso em: 29 de outubro de 2024.

CHAKRABARTY, D. O clima da história: quatro teses. *Sopro*, v. 91. Jul. 2013. p. 2-22. Disponível em: <https://www.culturaebarbarie.org/sopro/n91s.pdf>. Acesso em: 29 de outubro de 2024.

DA COSTA, A. *Análise do uso e cobertura da terra do Mato do Júlio (Cachoeirinha - RS) e seu papel na minimização do impacto das inundações de maio de 2024*. 2024. 43 p. Monografia de Conclusão de Curso - Graduação em Geografia. Biblioteca Digital da UFRGS. 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/279244>. Acesso em: 29 de outubro de 2024.

DOS SANTOS, M. H. *Alma de Brejo* - Memórias vileiras, inundadas e *mestizas* da Campina. 2021. 120 p. Monografia de Conclusão de Curso - Graduação em Psicologia. Biblioteca Central - Unisinos. 2021.

EITEL, K. 2023. Resilience. In: *The Open Encyclopedia of Anthropology*. Edited by Felix Stein. DOI: <http://doi.org/10.29164/23resilience>. Acesso em: 29 de outubro de 2024.

ESTÊVÃO, P; CALADO, A; CAPUCHA, L. Resilience: moving from a 'heroic' notion to a sociological concept. *Sociologia: Problemas e Práticas*, v. 85. 2017. p. 9-25. Disponível em: <https://journals.openedition.org/spp/pdf/3202>. Acesso em: 29 de outubro de 2024.

GEERTZ, C. Arte como sistema cultural. In: GEERTZ, C. *O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997. p. 142-181.

GUTTERRES, A. S. 2020. As diferentes formas de resistir em um contexto de ameaça de remoção de moradias. *Ayé*, 2(1): 100-121. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/372>. Acesso em: 29 de outubro de 2024.

MALINOWSKI, B. Introdução: objeto, método e alcance desta investigação. In: MALINOWSKI, B. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural. 1976. p. 17-38.

MENDES, A. Amazônia sentinela. *Lugar Comum*, n. 59, 2020. p. 181-191. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/download/40884/22277/111933>. Acesso em: 29 de outubro de 2024.

MORITA, A; SUZUKI, W. Being affected by sinking deltas: changing landscapes, resilience, and complex adaptive systems in the scientific story of the Anthropocene. *Current Anthropology*, v. 60(20), 2019. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/epdf/10.1086/702735>. Acesso em: 29 de outubro de 2024.

RIVAL, L. The resilience of indigenous intelligence. In: Kirsten Hastrup (ed.). *The question of resilience: social responses to climate change*. Copenhagen: The Royal Danish Academy of Sciences and Letters. 2009. p. 293–313. Disponível em: <https://users.ox.ac.uk/~soca0025/files/resilience-indigenous-intelligence.pdf>. Acesso em: 29 de outubro de 2024.

TADDEI, R. *Sobre a invisibilidade dos desastres na antropologia brasileira*. Waterlat-Gobacit Network Working Papers, v. 1(1): 2014. p. 30-42.

ZHOURI, A. Crise como criticidade e cronicidade: a recorrência dos desastres da mineração em Minas Gerais. *Horizontes Antropológicos*; v. 29(66); e660601; 2023. p. 1-31. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9983e660601>. Acesso em: 29 de outubro de 2024.

La catástrofe de las inundaciones en Rio Grande do Sul - primeras consideraciones etnográficas

Resumen

Este artículo examina de forma crítica y socioantropológica los impactos de las inundaciones que afectaron al estado de Rio Grande do Sul en 2024, evidenciando la interdependencia entre los humanos y sus paisajes. La investigación adopta un enfoque etnográfico y se basa en registros de campo, diarios personales, datos gubernamentales y materiales académicos para delinear los desarrollos y las conexiones sociales de la catástrofe. También se analizan los debates teóricos sobre riesgo y resiliencia, relevantes para comprender los efectos continuos del desastre y reflexionar sobre posibles respuestas políticas y sociales ante eventos extremos. Como resultado, este trabajo propone direcciones para el desarrollo de una investigación profunda sobre la resiliencia y adaptación de las colectividades impactadas por fenómenos climáticos, contribuyendo a la formulación de una antropología crítica enfocada en paisajes devastados y en las complejas relaciones entre humanos y "más-que-humanos".

Palabras-clave: Antropoceno; Crisis Climática; Inundación; Resiliencia; Rio Grande do Sul.

The catastrophe of the floods in Rio Grande do Sul - preliminary ethnographic considerations

Abstract

This article critically and socio-anthropologically examines the impacts of the floods that affected the state of Rio Grande do Sul in 2024, highlighting the interdependence between humans and their landscapes. The research adopts an ethnographic approach and draws on field notes, personal diaries, governmental data, and academic materials to outline the developments and social connections of the catastrophe. Theoretical debates on risk and resilience are also analyzed, relevant to understanding the ongoing effects of the disaster and reflecting on possible political and social responses to extreme events. As a result, this work proposes directions for the development of in-depth research on the resilience and adaptation of communities impacted by climatic phenomena, contributing to the formulation of a critical anthropology focused on devastated landscapes and complex relationships between humans and the "more-than-human".

Keywords: Anthropocene; Climate Crisis; Flood; Resilience; Rio Grande do Sul.

La catastrophe des inondations au Rio Grande do Sul : premières considérations ethnographiques

Résumé

Cet article examine de manière critique et socio-anthropologique les impacts des inondations qui ont frappé l'État du Rio Grande do Sul en 2024, mettant en évidence l'interdépendance entre les humains et leurs paysages. L'enquête adopte une approche ethnographique et s'appuie sur des notes de terrain, des journaux personnels, des

données gouvernementales et des documents académiques pour décrire les répercussions et les connexions sociales de la catastrophe. L'article analyse également des débats théoriques sur le risque et la résilience, pertinents pour comprendre les effets durables du désastre et réfléchir aux réponses politiques et sociales possibles face aux événements extrêmes. En conclusion, ce travail propose des pistes pour développer une recherche approfondie sur les résiliences et les adaptations des collectifs affectés par des phénomènes climatiques, contribuant ainsi à la formulation d'une anthropologie critique axée sur les paysages dévastés et les relations complexes entre humains et "plus-qu'humains".

Mots-clés: Anthropocène; Crise climatique; Inondation; Résilience ; Rio Grande do Sul.